

WEB RÁDIO E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

ESTEVÃO LOPES GARCIA

1 INTRODUÇÃO

As práticas sociais modernas e sua contribuição na formação das identidades têm despertado pra um debate de um problema que não é novo no mundo. Faz-se mister então não somente problematizar as contradições por hora salientadas, mas também, a partir da observação do movimento do real, propor possibilidades de ação que podem resultar em novas sínteses de sociabilidade.

A problemática racial no mundo, em especial no Brasil, tem convulsionado principalmente as redes sociais no que se convencionou chamar de cyber ativismo. Deste modo, termos e conceitos surgiram, bem como conceitos e epistêmes há muito ignoradas, vieram para o centro do debate. Canais do youtube, perfis no Instagram, Podcasts, dentre outros meios de comunicação através das redes sociais surgiram e ampliaram seu alcance propondo debates e reflexões nos mais variados temas, inclusive sobre o racismo.

A branquitude (ao longo da dissertação será melhor trabalhado os termos e conceitos) se viu diante de uma realidade nunca antes exposta. Reconhecer seu lugar de privilégio e o papel que isso cumpriu e cumpre ao longo da história, trouxe num primeiro momento a desmistificação de inúmeras contradições sociais, econômicas, culturais entre outras. Junto com isso, trouxe o reconhecimento de seu papel na manutenção na destruição de práticas e sistemas racistas.

Para além de questões individuais, como alteridade e empatia, ou a falta disso, o racismo estrutural (ALMEIDA, 2018) está no centro das discussões de governos por todo mundo, mas principalmente nos movimentos sociais progressistas. Ainda que esse debate já venha sendo acumulado pelo movimento negro há muitas décadas.

Nesse sentido, com o avanço de novas mídias digitais, antigos meios de comunicação tiveram que se reinventar e se adaptar aos novos tempos. O rádio ainda mantém forte penetração entre a população mais pobre, em especial nas pequenas cidades mas também acompanhou a evolução das formas de transmissão. Hoje praticamente todas rádios fazem transmissão online via web rádio, e é possível encontrar também rádios que só funcionam no ambiente virtual. Neste trabalho iremos expor a experiência de um programa de rádio semanal, em uma rádio comunitária da cidade de Lima Duarte – MG, chamado “Programa FALA PRETA” da Rádio Serrana FM.

2 JUSTIFICATIVA

Compreendendo a internet um espaço ainda livre e possível para reflexão e debates em torno de temas sensíveis para a sociedade, ativismos de toda ordem ocupam seus espaços e ganham seguidores. As plataformas digitais têm sido tão relevantes que, há suspeição na sua participação decisiva em eleições nacionais de alguns países. Não obstante, tornou-se também uma arena de disputa da hegemonia e das narrativas. Compreendendo esse contexto e observando o papel difuso das rádios nas comunidades periféricas e pobres, em especial nas cidades pouco populosas, iniciou-se há 3 anos um programa semanal de rádio que pretende contribuir para ecoar as vozes e temáticas da negritude. O programa FALA PRETA, gênero, raça e classe, trabalha na perspectiva de fazer ecoar as vozes das pessoas pretas, em especial das mulheres negras, dentro de uma ótica interseccional (AKOTIRENE,2018).

O racismo, bem como o sexismo, são promotores e mantenedores das desigualdades no Brasil (CARNEIRO, 2011), e a voz de grupos historicamente marginalizados nos dá a possibilidade de compreensão da realidade a partir de uma outra ótica, uma outra epistemologia.

Nesse sentido, compreender os conceitos dentro de uma realidade complexa, e analisar a ocupação dos espaços virtuais, motivou a iniciar um programa de rádio que, pelo artifício da internet, tem um alcance muito amplo.

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

Analisar e descrever o papel da web radio, proposto pelo programa FALA PRETA na luta antirracista, e como isso pode contribuir na descolonização epistemológica dos indivíduos e da sociedade como um todo.

3.2 Objetivos específicos

- a) Expor o lugar de fala privilegiado a partir da compreensão de conceitos já existentes;
- b) Pesquisar ações antirracistas de pessoas brancas no universo virtual;
- c) Analisar o uso dos espaços virtuais e seus devidos embasamentos teóricos;
- d) Pesquisar as influenciadoras digitais negras e sua relação com a branquitude ativista;
- e) Expor o trabalho desenvolvido no programa FALA PRETA;
- f) Traçar um paralelo das ações virtuais e seus reflexões no mundo real.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Buscar fazer uma contextualização histórica no que tange às opressões a grupos minoritários como as mulheres, negros e a interseccionalidade entre gênero, raça e classe, utilizarei de referências bibliográficas clássicas e atuais (recém-traduzidas para o português), bem como a explanação de três anos de uma experiência concreta de ação pública antirracista no programa da rádio serrana FM de Lima Duarte – MG.

Nesse sentido é imperioso contextualizar como o papel da mulher foi sofrendo modificações ao longo do tempo em especial em momentos de transformação do processo produtivo. (...) *a Revolução Industrial fez com que a sociedade estadunidense passasse por uma profunda metamorfose. Nesse processo, as circunstâncias da vida das mulheres brancas mudaram radicalmente. Por volta dos anos 1830, o sistema fabril absorveu muitas das atividades econômicas tradicionais das mulheres. Uma consequência ideológica do capitalismo industrial foi o desenvolvimento de uma ideia mais rigorosa de inferioridade feminina.* (DAVIS, 2016. Pg. 44-45)

Vale ressaltar que nesse contexto as mulheres referidas são de classe média, e tinha como pecha dentro da atual fase do capitalismo industrial o ser “donas de casa”, e por tanto sofreram uma queda no prestígio social e econômico dentro e fora do lar. Com o tempo livre que passaram a ter, se tornaram ativistas de causas imediatas, dentro de um espectro de reformismo social, inclusive na organização de campanhas abolicionistas.

Importante perceber que o movimento de mulheres não é uniforme, visto a abissal diferença de realidade em que estavam, e estão, mulheres brancas e mulheres negras. Nesse sentido, Davis vem nos mostrar que: *Durante o período pós-escravidão, a maioria das mulheres negras trabalhadoras que não enfrentavam a dureza dos campos era obrigada a executar serviços domésticos. Sua situação, assim como a de suas irmãs que eram meeiras ou a das operárias encarceradas, trazia o familiar selo da escravidão. “Serviço doméstico” devia ser uma expressão polida para uma ocupação vil que não estava nem a meio passo de distancia da escravidão* (DAVIS, 2016. Pg. 98).

Observando esse desenvolvimento histórico das desigualdades, caracterizados centralmente por uma questão étnico-racial (conceito desenvolvido pela branquitude) e, entendendo que as manifestações culturais são um forte elemento de resistência e disseminação de ideias e propostas, Clóvis Moura (2019) nos elucida o papel importante do que se convencionou chamar de imprensa negra, onde suas atividades até onde alcançaram no espaço e no tempo, cumpriram um papel social e ideológico dentro da comunidade negra evidenciando discussões de suma importância, e, *ao mesmo tempo, indagar por que em um país que se diz uma democracia racial há necessidade de uma*

imprensa alternativa capaz de refletir especificamente os anseios e reivindicações, mas, acima de tudo, o éthos do universo dessa comunidade não apenas oprimida economicamente, mas discriminada pela sua marca de cor que os setores deliberantes da sociedade achavam ser estigma e elemento inferiorizador para quem a portasse.

Compreendendo essa realidade socioeconômica, fruto de um processo histórico secular, onde os reflexos tem frutos até os dias atuais, o reconhecimento de um lugar privilegiado de acessar e ocupar determinados espaços sociais e de poder, nos fazem perceber que (...) *quem possui o privilégio social, possui o privilégio epistêmico, uma vez que o modelo valorizado e universal de ciência é branco. A consequência dessa hierarquização legitimou como superior a explicação epistemológica eurocêntrica conferindo ao pensamento moderno ocidental a exclusividade do que seria conhecimento válido, estruturando-o como dominante e assim inviabilizando outras experiências do conhecimento.* (RIBEIRO, 2017)

A mulher então sofre de um apagamento da sua existência no sentido epistêmico, cultural e social, se tornando o que para Simone de Beauvoir, é o *Outro* por não ter reciprocidade do olhar do homem. Mais a diante Grada Kilomba (2019) sofisticada a análise sobre a categoria do *Outro*, quando afirma que mulheres negras, por serem nem brancas e nem homens, ocupam um lugar muito difícil na sociedade supremacista branca por serem uma espécie de carência dupla, a antítese da branquitude e masculinidade.

O fato de a branquitude partir de um lugar privilegiado de acesso e manutenção nos aparelhos sociais e culturais, como por exemplo, a possibilidade de ter um programa de rádio, não significa que a reflexão histórico-crítica sobre essa situação específica deva ser feita no campo de uma experiência individual, mas de condições sociais que permitem ou não o acesso a esses lugares de cidadania. É necessariamente um debate estrutural, entendendo o lugar social que certos grupos ocupam, restringindo assim, as oportunidades a outros grupos historicamente marginalizados. Por tanto, as experiências desses grupos localizados socialmente de forma hierarquizada e não humanizada faz com que as produções intelectuais, saberes e vozes sejam tratadas de modo igualmente subalternizado, além das condições sociais os manterem num lugar silenciado estruturalmente.

Djamila Ribeiro (2017) nos fala que, *quando falamos de direito à existência digna, à voz, estamos falando de locus social, de como esse lugar imposto dificulta a possibilidade de transcendência.* E, por tanto, um grupo privilegiado pode acessar espaços públicos e privados, dentro de instituições ou movimentos para tratar de questões

da negritude, uma vez que: *Absolutamente não tem a ver com uma visão essencialista de que somente o negro pode falar sobre racismo, por exemplo.* A autora propõe essa reflexão quando diz que: *O fundamental é que indivíduos pertencentes ao grupo social privilegiado em termos de locus social, consigam enxergar as hierarquias produzidas a partir desse lugar e como esse lugar impacta diretamente na constituição dos lugares de grupos subalternizados.*(RIBEIRO, 2017)

Mesmo assim, com toda uma formação formal e informal no campo da educação, a perspectiva branca ainda traz estigmas sobre as possibilidades teórico-conceituais que a população negra desenvolveu e desenvolve até os dias de hoje mesmo com todas as opressões. Dito isso, é comum perceber uma dificuldade em se reconhecer como a não referencia de determinados temas, o que causa grande incomodo, como nos mostra a escritora Bell Hooks. *Muitos deles ficam chocados ao ver que pessoas negras pensam criticamente a respeito da branquitude porque o pensamento racista perpetua a fantasia de que o Outro que é subjugado, que é sub-humano, não tem a habilidade de compreender, de entender, de ver os feitos dos poderosos.* (HOOKS, 2019)

O modo de produção capitalista como um desenvolvimento/continuidade do colonialismo, dá ao mundo um novo modelo de administração, onde o silenciamento, a invisibilidade e o extermínio são praticas não somente comuns mas legalmente condescendentes. Essa realidade é vista por todo mundo mais em especial no Brasil, nas grandes metrópoles como o Rio de Janeiro, e nesse quesito *não se trata somente do biopoder e nem da biopolítica quando se fala da experiência do colonialismo e do apartheid, mas daquilo que Achile Mbembe chama de necropoder e necropolítica, em que guerra, política, homicídio e suicídio tornam-se indistinguíveis.* (ALMEIDA, 2018)

5 METODOLOGIA

A proposta de metodologia para o desenvolvimento deste trabalho é fazer a revisão bibliográfica pertinente ao tema e a análise de experiência de caso. Dentro do espectro do programa da radio desenvolvido nos últimos três anos, observou-se que, pela necessidade de mulheres negras se auto definirem, um dos aspectos centrais no pensar e desenvolver um programa de rádio que, trate exclusivamente sobre questões da negritude, foi que a pauta, bem como todas as falas fossem definidas pelxs convidadxs e não por quem dirigia o programa.

A reflexão fundamental a ser feita é perceber que, quando pessoas negras estão reivindicando o direito a ter voz, elas estão reivindicando o direito à própria vida.

(RIBEIRO, 2017)

Com esse espaço de fala, que hoje com o advento da internet, alcança qualquer parte do planeta, pessoas negras, em sua maioria mulheres negras, podem fugir de temas que lhes seriam imputados se tomado como referencia apenas suas características de grupo social marginalizado. Ou seja, os assuntos abordados permeiam temas que vão desde imagem social do negro, empreendedorismo, arte, literatura, moda, cinema, tecnologia, dança, política, religião, entre tantos outros abordados de forma brilhante pelos convidados até então. Essa forma de manifestar seu trabalho e seu conhecimento sobre elementos do mundo é também uma forma de difundir uma consciência social que tem o potencial de despertar nas pessoas tocadas por ela um impulso para transformar criativamente as condições opressivas que as cercam. A rádio através dos seus programas funcionar como sensibilizadora e catalisadora, impelindo as pessoas a se envolverem em movimentos organizados que buscam provocar mudanças sociais radicais.

Uma das formas transmissão para as massas, de um legado da cultura popular e das epistêmes até então apagadas e invisibilizadas, que, em sua maioria, tem sido negado o acesso a esses espaços sociais reservados à arte e à cultura. Por isso a preocupação do programa é que a fala seja exclusivamente das pessoas negras sem perguntas anteriores e sem considerações a posterior. *É fundamental explorar essa tradição, compreendê-la, reivindicá-la e tirar dela a sustentação cultural que pode nos ajudar a preparar uma contraofensiva política e cultural às instituições e às ideias retrógradas semeadas pelo capitalismo monopolista avançado.* (DAVIS, 2017)

Considerando que o programa traz exclusivamente pessoas negras não somente como entrevistados, mas como todo repertório musical, a arte é um elemento determinante e podemos evidenciar os fortes vínculos entre a arte e a luta pela libertação negra, a história da cultura afro-americana contém importantes lições para aquelas pessoas interessadas em estreitar os laços entre arte e movimentos populares.

O papel então que o programa FALA PRETA cumpre, e sua possível análise dentro da realidade, possibilita perceber que, segundo Angela Davis (2017), não podemos esperar que a arte popular de massa expresse temas progressistas de modo mais vigoroso e eficaz sem o fortalecimento de um movimento artístico associado em termos

organizacionais e filosóficos às lutas populares.

8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKOTIRENE, Carla. O que é interseccionalidade? Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ALMEIDA, Silvio. O que é racismo estrutural? Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BEAUVOIR, Simone. O segundo sexo: a experiência vivida, volume 2, tradução Sérgio Millet, 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

CARNEIRO, Sueli. Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil. São Paulo, Selo Negro, 2011.

COLLINS, Patrícia Hill. Pensamento feminista negro. São Paulo: Boitempo, 2019.

DAVIS, Angela. Mulheres, cultura e política. São Paulo: Boitempo, 2017.

DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe. São Paulo: Boitempo, 2016.

FERNADES, Florestan. Significado do protesto negro. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

GOMES, Nilma Lino. O movimento negro educador – saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.

HOOKS, Bell. Anseios – raça, gênero e políticas culturais. Tradução Jamille Pinheiro, São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, Bell. Erguer a voz – pensar como feminista, pensar como negra. Tradução Cátia Bocaiuva Maringolo, São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, Bell. Olhares negros – raça e representação. Tradução Stephanie Borges, São Paulo: Elefante, 2019.

MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: N-1, 2018.

MOURA, Clóvis. *Sociologia do negro brasileiro*. São Paulo: Perspectiva, 2019.

NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro*. São Paulo: Perspectiva, 2016.

RIBEIRO, Djamila. *O que é Lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

VERGÈS, Françoise. *Um feminismo decolonial*. São Paulo: Ubú editora, 2020.